

A POLÍCIA MILITAR E A SOCIEDADE

EURO MAGALHÃES

Ex-Comandante Geral da PMMG

Resumo: *Analisa a posição da Polícia Militar diante da sociedade a que serve e na qual se insere. Aborda os constantes desafios com que se defronta, no cumprimento de sua missão de guardião do cidadão e mantenedora da ordem, bem como a postura da Corporação diante desses desafios.*

1 INTRODUÇÃO

Lembro-me, neste início de discorrer, de que uma das figuras que mais me impressionou, ao longo de minhas leituras, foi a do Capitão Eucaristo Rosa, criação literária de Mário Palmério que está no seu conhecido livro *"Chapadão do Bugre"*¹. Oficial destemido, rancoroso, cruel, frio e sanguinário, capaz de assassinios desde que acreditasse serem necessários para solucionar o problema com que se defrontasse. Incoerente, pois empregava com seus "inimigos" os mesmos métodos que neles condenava. Não era homem dado a remorsos. Aliás, ao traçar seu perfil psicológico, o escritor deixou claro que o Capitão Eucaristo Rosa era convicto da nobreza e da importância de sua missão e não se furtava a título algum em cumpri-la. O único receio que, vez ou outra, lhe obnubilava a mente era o de não conseguir cumprir o seu dever. Dele e de seus comandados porque, como comandante do 2º Destacamento de Capturas da Polícia Militar, trabalhava sempre em conjunto.

Para os seus comandados, as praças do dito 2º Destacamento de Capturas, o perfil também é pouco lisonjeiro. Diz o autor que

*"aqueles destacamentos organizavam-se à base de homens de provada valentia, muitos deles antigos criminosos também. Jagunço temível – se capturado com vida e revelador de astúcia e sangue frio capazes de causar admiração aos comandantes – o cujo sentava praça, recebia farda, armamento e montaria: (...) Até bonita carreira esses regenerados delinqüentes logravam fazer (...)"*²

A figura do Capitão Eucaristo e de seus comandados me impressionou vivamente, e me preocupou ao perceber que o autor não fora totalmente original em sua criação. Acha-se provado que, se o Capitão Eucaristo Rosa não existiu, das façanhas descritas não podemos dizer o mesmo. Elas devem ser creditadas a certo Alferes Isidoro, delegado de Polícia de São Sebastião do Paraíso em 1909 e desbravador da região onde hoje está situada a cidade de Passos.³

Mas não é só do Capitão Eucaristo que me lembro ao refletir sobre a sociedade e a Polícia Militar. Ocorre-me também o *"soldado amarelo"*, da polícia militar de algum Estado do Nordeste, que mereceu todo um capítulo de Graciliano Ramos em sua antológica *"Vidas Secas."*⁴ Mostra ele um homem mesquinho, covarde e impiedoso, envergando a farda apenas para perseguir a infelizes, como o Fabiano, espancando-o e submetendo-o a humilhações e vexames sem conta.

Ainda cabe mencionar aqui outro autor consagrado nas letras nacionais – desta vez o nosso Guimarães Rosa – que, precisando criar um tipo para, em um dos seus contos, representar o desonrador de uma família sertaneja, infelicitador de um lar pobre e agreste, menciona nada mais e nada menos do que um soldado da Polícia Militar. Com todas as letras, *"o anspeçada Cassiano Gomes, que fora do 1º pelotão da 2ª Companhia do 5º Batalhão de Infantaria"*,⁵ que sabia manejar o ZB Tchecoslovaco e até as pesadas Hotchkiss.

Tais reflexões me ocorrem ao ver a Polícia Militar de hoje, da qual participo intensamente, comparando-a inevitavelmente com a Polícia Militar de outrora. Corporação que, é certo, não era exatamente a que mencionei atrás, desde que se tratou, em todos os casos, de ficção, e ao ficcionista são permitidos altos vãos. Mas, considerando que o autor de contos e romances normalmente se ancora em fatos e personagens reais para ativar a imaginação dos leitores, pode-se inferir que a Polícia Militar da época não se distanciava muito daquele quadro apresentado.

Mas a Polícia Militar insere-se em uma sociedade. Presta serviços marcadamente sociais, e cada um de seus integrantes, como cidadão, beneficia-se deles. Portanto, antes de aprofundar no tema Polícia Militar há que se discorrer sobre a sociedade.

2 A SOCIEDADE

Tomada em perspectiva geográfica, a sociedade dos homens nos apresenta grande variedade de tipos, resultantes de condições e adaptações. São verdadeiros mundos diferentes entre si a encerrar comunidades, às vezes primitivas que, tanto quanto sabemos, pouco se modificaram em séculos; mas também grandes potências que, por alguma razão, começaram a existir de forma súbita e violenta. Bizâncio e a Euro-

pa, a China clássica e Roma antiga, a cidade do Rio de Janeiro e o pequeno império do velho Peru, todos esses mundos compõem a sociedade humana. Dentro deles existem aldeamentos em plena selva, grupos de pressão, quadrilhas juvenis e confrarias religiosas, paupérrimos a morrer de pura inanição bem como megamilionários; forças militares capazes de destruir áreas metropolitanas, sem sair de uma sala; sindicatos de operários e de criminosos, hospitais capazes de transplantes quase miraculosos, universidades criando e se beneficiando de tecnologia de ponta; analfabetismo. Grupos raciais ou religiosos que por acaso se juntam em um cinema ou são segregados; casam-se e são felizes ou se odeiam até a morte. Ocupações às centenas de milhares, na agricultura, na indústria e no comércio ou nos serviços públicos. E as transações que são feitas às centenas, todos os dias, dando-nos a certeza de que existem mais grupos pequenos do que podemos contar⁶.

Outra perspectiva, a histórica, nos mostra uma única constante: a grande mutabilidade. A sociedade européia do século XX é bem diferente da dos séculos anteriores; imaginemos as sociedades dos egípcios, dos gregos e dos romanos, de dois mil anos atrás e as de hoje. Esta mutabilidade social, que pode ser entendida também como evolução, funciona como um mecanismo de auto-defesa perante os inúmeros desafios que se apresentam e que colocam em risco a própria sobrevivência. Ao longo da história humana, todos os povos, sem exceção, já tiveram épocas de fome, epidemias, calamidades naturais, guerras internas e externas, crises ou desafios a vencer. Alguns destes desafios ocorreram independentemente da vontade dos grupos envolvidos, mas nunca foram independentes das condições naturais, tecnológicas ou sociais existentes. Paradoxalmente, a evolução que permite vencer alguns desafios cria condições para o surgimento de outros. A guerra, por exemplo, esse evento irracional sob todos os títulos, mas com o qual convivemos e já nos acostumamos, sobretudo com a dos outros, é um fato social, decorrente de interesses e desajustes do homem, enquanto ser político e, por isso, social.

A evolução em si, diga-se de passagem, já foi e tem sido objeto de inúmeros estudos, teorias e trabalhos. De Darwin a Newton Freire Maia, passando por Toymbee, com as necessárias contestações, como a de Monod, resta o consenso científico de que ela existe. Freire-Maia⁷, apenas para citar um autor atual, diz que "*Deus não criou o universo. Ele o está criando.*"⁸ Toymbee, considerado por especialistas como o grande nome da história do século XX, por sua vez, intrigado com a sucessão de civilizações que surgiram, desenvolveram e desapareceram, elaborou a teoria do desafio-resposta. Questionou ele o fato de algumas civilizações, com elevada capacitação tecnológica, como os maias na península de Yucatã, terem simplesmente desaparecido. Quanto aos egípcios, cabe

perguntar o que é feito daquele povo que há seis milênios erguia monumentos que nos dão conta, ainda hoje, de uma pujante tecnologia. E os gregos, que deixaram pouco no campo material, mas que nos legaram as bases filosóficas de nossa civilização ocidental. O que é feito deles? Segundo Toymbee, as civilizações, ao longo do tempo, são colocadas diante de desafios, naturais ou artificiais. Se forem capazes de entender o desafio e de apresentar resposta adequada, elas o superarão e sobreviverão. Caso contrário, elas desaparecerão – maias – ou serão assimiladas – gregos.⁹

Hoje, em nossos dias, os desafios estão colocados em nível local, regional, nacional e mundial. Greves, violentas ou pacíficas, invasões de terras urbanas ou rurais, drogas traficadas em escala alarmante, homossexualismo, violência nos estádios, corrupção política, esportiva, alienação juvenil pelos estudos, criminalidade violenta, criminalidade de colarinho branco, desestruturação familiar, distorções de economia, ganância dos detentores dos meios de produção, classe política em descrédito, tudo isso, e mais poderíamos citar, precisa ter respostas adequadas, pois o que se coloca em jogo, a todo momento, acima do individual, é a própria sobrevivência da sociedade. Se conseguirmos apresentar respostas boas aos desafios, ainda assim a única certeza que poderemos ter é de que outros aflorarão, e crescerão, e nos colocarão em crise, talvez mais difícil.

Vou tomar como exemplo a saúde, para clarear o que observei. Os povos primitivos tiveram seu grande desafio na produção de alimentos, qualitativa e quantitativamente, suficientes. Morria-se e morre-se nas comunidades primitivas, sobretudo de fome. A Idade Média foi a época das epidemias intituladas "pestes". A peste negra causada por ratos no século XIII devastou de tal forma a Europa que em algumas regiões a população foi reduzida à metade, sendo que em outras a dizimação foi completa. Depois tivemos a cólera, a sífilis, a lepra. A varíola já foi erradicada da face da terra, e as crianças não se submetem mais, ano a ano, às vacinações em massa, restando apenas as lembranças dos mais velhos e algumas marcas nos braços. Mas, se a varíola foi erradicada, não podemos dizer o mesmo de outros tormentos como a malária, o tifo, a febre amarela que, em verdade, já foram problemas maiores. Mas hoje temos a AIDS nos rondando. Ainda não chega a ser epidêmica, mas é incurável. Seguramente este mal será vencido, apenas para dar lugar a outro.

A humanidade e as sociedades, civilizadas ou não, vêm sobrevivendo a duras penas, sempre colocadas diante de obstáculos.

Tudo nos indica que o progresso é realizado em fases ou ondas. A primeira grande arrancada decorreu da revolução agrícola, quando vegetais foram domesticados, e o fantasma da fome crônica deixou de

perambular em torno das aldeias, isso há mais de 10 milênios. Já no século passado, tivemos o auge da revolução industrial, com o que nos envolvemos na segunda onda. Hoje, em nossos dias, estamos convivendo com outra onda ou fase, possivelmente a revolução da informação.

Tudo isto nos leva a um ponto comum: a organização. Acostumamo-nos a nos organizar para todos os fins, sejam eles sociais, econômicos, de lazer, religiosos, culturais, etc. Daí os clubes, igrejas e empresas. A organização, entretanto, que foi a criação do intelecto humano que possibilitou os avanços e a sobrevivência, tem se mostrado resistente às mudanças. De fato ela tem funcionado mais como agente de frenagem do que como impulsionadora de avanços, pois ela é produtiva, eficiente ou rentável, se fizer mais da mesma coisa. Alvin Toffler preconiza para o século XXI a sobrevivência única e exclusiva das organizações que forem flexíveis¹⁰. O oposto a isso, ou seja, a organização de estrutura forte, imutável, resultará no que ele chama de *"dinossauro empresarial"* excelente objeto de estudos em museus de antropologia cultural. Muito grandes e muito fortes, muito bem estruturadas, mas incapazes de se adaptarem às novas exigências ambientais. Tal como os próprios dinossauros que, em sua época, esplêndidos animais no tamanho e força, foram extintos por uma simples variação climática.

Como isso acontece? Há uma tendência da organização em especializar suas atividades para ser produtiva e rentável. Para se especializar é necessária a repetição de comportamentos, o que, em última instância, leva à robotização. A especialização é boa, pois diminui o esforço para obter o produto final, diminuindo-lhe assim o custo por unidade, além de melhorar a qualidade, configurando uma boa resposta à necessidade de produção em massa. Mas ela conduz a organização à imobilidade por razões óbvias: se se ficar mudando a todo momento não haverá tempo para se especializar. Apenas deve ser considerado que as exigências sociais estão mudando, e cada vez mais rapidamente. Assim, em determinado momento, tais exigências, sempre em linha ascendente, ultrapassarão a capacidade de produção/resposta, em linha horizontal. A partir desse ponto a organização estará em regime de obsolescência e tenderá ao desaparecimento. Necessário então que as organizações adotem uma postura de abertura às mudanças, privilegiando a sensibilidade ambiental e a criatividade de seus dirigentes¹¹.

3 A POLÍCIA MILITAR

É nesse contexto que se insere a Polícia Militar, que geograficamente tem helicóptero e computadores em Belo Horizonte, mas tem soldados convivendo em comunidades primitivas em Santa Helena e Umbaraninha, lado a lado com índios machacalis; que historicamente já foi a do capitão Eucaristo Rosa, do anspeçada Cassiano Gomes e que

hoje é a nossa.

A Polícia Militar, de um modo geral, e a de Minas Gerais, particularizando, é um órgão do governo, com estrutura forte, pois baseia-se na hierarquia e na disciplina militares, com estrutura legal definida a partir da Constituição Federal, e boa cultura organizacional. Trata-se, podemos dizer, de uma agência de prestação de serviços do governo do Estado. Por se tratar de organização estatal e pelas características da sociedade a que serve, também a ela é colocado o desafio atual de evoluir para não perecer.

Sentimos, há não muito tempo, que estávamos em crise quando, por ocasião dos trabalhos pré-constitucionais, a comissão presidida pelo jurista Afonso Arinos reduziu as polícias militares do Brasil à absoluta inexpressividade. À época foi registrado em documento que os Estados poderiam ter polícias militares, dando assim ênfase ao caráter de excepcionalidade às organizações que porventura sobrevivessem. Com a nova Constituição Federal a situação ficou mais clara, cabendo-lhe a preservação da ordem pública e o policiamento ostensivo. Deve-se observar contudo que ocorreram embates vigorosos na Assembleia Nacional Constituinte, surgindo afirmações que nos inquietaram e nos inquietam ainda hoje¹².

A nossa organização não está imune a crises, nem às de identidade, não obstante a idade venerável já acumulada. Mas o ensinamento foi excelente. Nós, das polícias militares do Brasil, observamos que havia uma crise na sociedade brasileira, gerada pela iminência de um novo texto constitucional, a par da sensação de se estar participando da História. Procuramos então nos favorecer da mencionada crise, ser mais proativos do que reativos, e eis que saímos melhor do que entramos. Em nível estadual, à exceção dos estudos pré-constitucionais, ocorreu a mesma coisa.

Solucionadas essas questões institucionais, restam outros desafios, sendo o maior deles o controle da criminalidade, trazendo-a para níveis socialmente suportáveis. Não nos esquecendo de que o Estado passa por séria dificuldade econômica, a Polícia Militar tem optado por investir em tecnologia. São consideráveis os recursos destinados à motomecanização e às comunicações e somos o segundo maior usuário de informática no âmbito do Estado. Parece-nos até que estamos respondendo bem, pois há relativa satisfação com os nossos serviços. Tudo isso, em verdade, nos deve apenas alertar para o fato de que outros desafios virão. Faremos frente a eles, procurando "ouvir" a sociedade, adaptando-nos, valendo-nos de todos os instrumentos éticos disponíveis, pois é importante, acreditamos, que a organização sobreviva. Dentre os instrumentos devemos colocar em posição destacada a formação de nossos recursos humanos e, dentre eles, de um núcleo dirigente, eli-

te da organização, capaz de conduzi-la com segurança nessa transição do segundo para o terceiro milênio.

Mas nosso desafio não é só o controle da criminalidade. A sociedade nos cobrará sempre mais e mais a defesa da ecologia, seguramente teremos que nos defrontar com questões raciais e classistas, o tráfico e o uso de drogas exigirão de nossa parte grande especialização, além da capacidade de agir coordenadamente com a Polícia Judiciária, Ministério Público e o Poder Judiciário¹³. A nossa capacidade de presença potencial deverá ser cada vez maior, em detrimento da presença real. Há ainda o público interno. Nosso companheiro de farda estará cada vez mais participante e politizado¹⁴, reivindicador de direitos, consciente de sua situação perante o Direito.

Outro grande desafio será o de inovar a mentalidade de nosso pessoal, sobretudo os oficiais. Precisamos contar com um núcleo muito bem formado, profissionalizado, com estilo de liderança democrático e precisamos de uma tropa disciplinada conscientemente. Precisamos influir no domínio afetivo de todos, deixando de cuidar apenas do psicomotor e do cognitivo, o que, por sinal, é mais cômodo¹⁵.

Difícil mesmo será fazer o nosso homem/mulher gostar do exercício da profissão, muito mais do que conhecer sua doutrina e suas técnicas. Aí reside a grande responsabilidade da nossa escola, que precisa se atualizar incessantemente. Precisa, a nossa Academia, formar homens e mulheres cujo maior mérito não será o conhecimento obtido, mas o ativamento da capacidade de aprender sempre, de criar, de inovar, isso porque a nossa doutrina e as técnicas estarão sempre carecendo de inovações. Precisamos, a começar da escola, criar e manter uma ideologia de mudanças, com critério mas sem receios, ousada mas com respeito ao passado. Como estamos falando em nossa Academia, cabe observar a responsabilidade de seu corpo docente pela pesquisa. Possuímos ainda áreas inexploradas carecendo de bons pesquisadores e podemos citar, no mínimo, a ergonomia, a educação física e as doenças profissionais. Precisamos formar um conhecimento para transmiti-lo depois.

4 CONCLUSÃO

Tudo isso mencionado colocará a organização mais bem aparelhada para o futuro. E, mesmo arriscando na prática futurológica, estou convencido de que o nosso compromisso social permanecerá inalterado. Existe um trecho de Des Essarts, citado por Foucault que me autoriza a afirmar o que afirmei. Disse ele que *"no tenente de polícia deve-se distinguir o magistrado e o administrador. O primeiro é o homem da lei, o segundo, o governo."*¹⁶ Des Essarts escreveu isso em 1785, e creio que no futuro

ainda continuaremos a ser o que somos e o que fomos: uma organização compromissada com a ordem, com a lei e com a sociedade.

Abstract: The Military Police and Society. This paper analyzes the position of the Military Police in the society it serves and in which it is inserted. It focuses on the challenges met by that corporation in its mission as guardian of the citizen and keeper of order, as well as the way it reacts to those challenges.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

01. PALMÉRIO, Mário. **Chapadão do Bugre**. Rio de Janeiro, Melhoramentos. 1982, 10ª ed.
02. PALMÉRIO, Mário. Op. Cit., p. 201
03. COSTA, Alvimar. **Nas fontes do chapadão**. In: *Revista O Papiro*, Faculdade de Filosofia de Passos, 1º trimestre, 1973. Nesse trabalho, o autor demonstra, inclusive com entrevista de Palmério, que os fatos narrados no livro foram reais. O Capitão Eucaristo, em verdade, foi o Alferes Isidoro. Alvimar deixa dúvidas quanto ao sobrenome, mas Antônio Paiva Moura, em seu *História da Violência em Minas Gerais* mostra o mesmo Alferes como Delegado de Polícia em São Sebastião do Paraíso, em 1909.
04. RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*.
05. ROSA, João Guimarães, *Sagarana*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976. 9ª ed, p. 143.
06. MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
07. FREIRE-MAIA, Newton. *Criação e evolução, Deus, o acaso e a necessidade*. Petrópolis, Vozes, 1986. Neste trabalho o autor apresenta excelente síntese dos conhecimentos e das discussões sobre o assunto.
08. FREIRE-MAIA, Newton. Op. cit. p. 28
09. TOYMBEE, A. J. Deste autor muitos ensinamentos podem ser colhidos em "*O desafio de nosso tempo*", "*A sociedade do futuro*" e, sobretudo no clássico, *Um estudo da História*".
10. TOFFLER, Alvin. *A empresa flexível*. Rio de Janeiro, Record, 1986.
11. MOURA, Paulo C. da Costa. *O benefício das crises*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978.
12. ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE. Atas das comissões. Publicação referente ao dia 18 de junho de 1987. A citação foi extraída da página 73 e refere-se à reunião da Subcomissão da Organização dos Estados, do dia 28 de abril de 1987.
13. A CONSTITUIÇÃO DE MINAS GERAIS inovou criando o Conselho de Defesa Social, no artigo 134. Este artigo está contido na Seção V, Da Segurança do Cidadão e da Sociedade.
14. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, artigo 14; concede direito do voto aos cabos e soldados de polícia militar.
15. Ver a obra de BLOOM, Benjamim. *Taxionomia de objetivos educacionais*.
16. FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 440.